

Trabalhar em vez de estudar

A história de Manoel da Costa Oliveira, 44 anos, ilustra o que acontece com muitos brasileiros que migram para o DF. A necessidade de comida falou mais alto e arrancou dele a oportunidade de estudar. Nascido em uma família sem recursos no interior do Piauí, estado no qual 27,4% da população acima de 15 anos é analfabeta, o roçado era a única opção de sobrevivência.

"Não tive escolha, se fosse para a escola, não ia ter o que comer. Não sei ler e escrever, mas sou capaz de entender que ninguém consegue aprender com fome", explica, com tristeza no olhar. Manoel é mais um migrante que desembarcou no DF com esperanças de um futuro melhor. "Cheguei em 1981 em busca de trabalho. Queria algo mais do que aquilo que já tinha vivido e passado. Aqui, trabalhei na construção civil, mas hoje estou desempregado", diz.

Em sua trajetória, o lápis e a caneta foram trocados pela enxada. Suas mãos calejadas mal conseguem desenhar o próprio nome. "Já fui passado para trás por não saber ler e escrever. Não quero que minha filha passe pelo que passei. Ela tem dez anos e está na 4ª série. Quero que ela aproveite a oportunidade que eu não tive. Se eu soubesse ler e escrever não estaria passando por tantas dificuldades", afirma.

Morador do Itapoã, Manoel

‘
Não sei ler e escrever,
mas sou capaz de
entender que ninguém
consegue aprender
com fome”

MANOEL DA COSTA OLIVEIRA,
44 ANOS, DESEMPREGADO

’
conta que a filha nem sempre quer ir ao colégio. Na região, há só uma escola que atende crianças até o 2º ano do Fundamental. "Para continuar estudando, minha filha vai até o Paranoá de ônibus. Às vezes, ela não quer ir. Então, pego a bicicleta, coloco a 'bichinha' na garupa e a deixo dentro da escola", diz Manoel.

■ Tempo de mudar

Para Isac Gomes, coordenador da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) no DF, ainda é possível reverter a situação. "Embora preocupante, há tempo para mudar. Mas é necessário melhorar as condições para que as crianças se sintam atraídas pelo ensino e motivadas

a estudar", afirma. "Escolas profissionalizantes poderiam melhorar a situação dos jovens de baixa renda. Este tipo de ensino dá perspectiva de emprego, tão importante para os adolescentes que precisam ajudar em casa."

Segundo a secretária de Educação, Maria Helena Guimarães, a perda de eficiência no programa de erradicação do trabalho infantil pode ser uma das explicações do aumento do analfabetismo no DF. "A Bolsa Família, em 2004 e 2005, não exigia a frequência na escola. Em 2006, voltou a exigir. Por isso, acho que na próxima pesquisa os números estarão menores", diz. Para ela, é preciso monitorar a presença das crianças na escola. "Vamos fazer isso por meio do sistema de supervisão integrada das escolas. O Ministério Público também tem um papel importante, pois pode exigir dos pais que os filhos estejam em sala de aula e não na rua."

A estrutura das unidades também influencia, mas não é a principal causa do abandono dos estudos pelas crianças, segundo a secretária. "De qualquer forma, estamos identificando as escolas que precisam de reformas mais urgentes. A meta, até o fim do ano, é concluir as pequenas obras em 500 unidades. Também estamos licitando para reconstruir prédios que estão em estado precário", diz.